

DIOTIMA DE MANTINEIA: O FEMININO EM O BANQUETE DE PLATÃO

DIOTIMA OF MANTINEIA: THE FEMININE IN PLATO'S SYMPOSIUM
DIOTIMA DE MANTINEIA: LO FEMENINO EN *EL BANQUETE* DE PLATÓN

Rafael Werner Lopes¹

Resumo: O presente texto procura desenvolver, na forma de um ensaio, algumas reflexões sobre o tema do feminino na obra *O banquete* de Platão. A apresentação do tema será realizada à luz da figura de Diotima de Mantineia em dois sentidos principais: i) como denúncia da subjugação das mulheres numa cultura patriarcal; ii) e como mulher que personifica o feminino como força que está intimamente ligada ao desenvolvimento da filosofia socrática e às origens do pensamento ocidental.

Palavras-chave: Diotima. Platão. Feminino. Mulher. Patriarcado.

Abstract: This text aims to develop, in the form of an essay, some reflection on the feminine in Plato's Symposium. The theme is presented through Diotima of Mantinea on two main objectives: i) as a denunciation of the women's subjugation in a patriarchal culture; and ii) as a woman who embodies the feminine as a force that is closely linked to the development of Socratic philosophy and the origins of Western thought.

Keywords: Diotima. Plato. Feminine. Woman. Patriarchy.

Resumen: El presente texto pretende desarrollar, en forma de ensayo, algunas reflexiones sobre el tema de lo femenino en El Banquete de Platón. La presentación del tema se realizará a la luz de la figura de Diotima de Mantineia en dos sentidos principales: i) como denuncia del sometimiento de la mujer en una cultura patriarcal; ii) y como mujer que personifica lo femenino como fuerza estrechamente vinculada al desarrollo de la filosofía socrática y a los orígenes del pensamiento occidental.

Palabras clave: Diotima. Platón. Femenino. Mujer. Patriarcado.

Numa cultura patriarcal, marcada por preconceito e opressão, testemunhamos a violência ao feminino. Mas por que isso acontece? Por que a humanidade insiste em subjugar o feminino? E por que a violência também vem travestida de esquecimento?

¹ Professor e Psicanalista. Doutor em Filosofia. Áreas de concentração em ética e antropologia. Membro da Associação Livre Psi (ALPSI). Membro do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). E-mail: rafaelwernerfilosofia@gmail.com

1 ESCRITA E TRANSMISSÃO

A escrita é um potente veículo de transmissão e transformação. Ela é sempre reveladora de algo que a transcende, que se radica numa articulação oral e reflexiva, e se lança ao futuro como imortalização de antigos saberes. Ela pode ser tomada como forma de construção e desenvolvimento da história do mundo, como meio de disseminação de reflexões, ensinamentos, mas também como proteção de nossa memória. Dessa maneira, sua sobrevivência articula-se pelo cultivo de leitores e através do permanente exercício de análise e interpretação textual. É através da transmissão que nos tornamos capazes de não nos resignar diante dos impasses da vida e do entendimento, que nos tornamos capazes de, apesar de tudo, pensar, dizer, imaginar.

Numa arqueológica aventura reflexiva de nossa história, experiência tal que torna possível tomar o presente através de um exame do passado para se lançar ao futuro, fazendo notar a importância dessa tríplice dimensão temporal como meio de transformação social, podemos reviver o texto como palavra viva, sempre com novas perspectivas. É a partir disso que podemos trazer de volta as coisas que ficaram relegadas ao esquecimento ou que foram sufocadas em seus ensinamentos. Uma obra, além da possibilidade de ser tomada como descrição e registro de uma cultura do passado, num outro tempo histórico, pode abrir-se como texto destinado às gerações futuras, como reivindicação hermenêutica que se dirige à inesgotabilidade do saber para procurar sempre novas significações.

2 RETORNO A PLATÃO

Desde uma visão de mundo colonizada pela cultura grega como matriz da sociedade ocidental, Platão ocupa lugar central na história da filosofia. Sua obra ecoa em nossos dias como símbolo de interminável referência para pensar a humanidade em seus diferentes tempos históricos. Numerosas disputas sobre como seus textos devem ser lidos e interpretados animaram os debates filosóficos ao longo do tempo. Esse fenômeno levou a uma multiperspectiva da experiência de seu pensamento, impedindo a consolidação de uma visão unidimensional sobre seu acesso e recepção. Nesse sentido, a falta de uma posição consensual não constitui a fragilidade, mas a potencialidade de suas ideias, que sempre se renovam e atualizam. Isso transforma o texto escrito num fenômeno que se liberta de sua territorialidade e se projeta em dimensão trans-histórica, resistindo no tempo sempre com novas significações.

Tomado aqui como uma mensagem para o futuro, e invocando a posição do leitor de maneira sempre atualizada a nossos tempos, o diálogo *O banquete* (cerca de 380 a.C.) ocupa, na obra platônica, lugar de destaque e é fonte inesgotável para o filosofar. A propósito de um prêmio literário recebido por Agatão, uma comemoração entre amigos lança na história do Ocidente um dos mais famosos diálogos a respeito do amor. Nesse diálogo, Sócrates apresenta seu discurso a partir da rememoração dos ensinamentos de Diotima de Mantinea, uma mulher estrangeira, sacerdotisa e mestre nos mistérios do amor. Nele, o tema de Eros aparece como farol desde o qual se faz ver uma série de outros desdobramentos.

O texto está referido ao tempo no qual ele surge, mas também pode ser atualizado para nosso contexto e condição, como instrumento para fazer pensar a humanidade. Essa atualidade do diálogo platônico já se revela em seu preâmbulo, quando Apolodoro inicia sua narrativa sobre o evento em que Sócrates teria proferido seu discurso a respeito do amor, com o seguinte dizer: “Não me

ARTIGO

considero desqualificado para ensinar-vos o que desejais saber” (Platão, 1987, 172a). Essa passagem convoca o leitor à participação de um discurso sempre vivo, que se articula numa renovação constante através de quem o lê, escuta e interpreta. Outro aspecto importante da narrativa de Apolodoro é que esta é realizada no caminho que é percorrido da região portuária de Falero para o centro de Atenas, passagem aqui tomada em tom alegórico que invoca uma possível crítica ao costume ateniense e ao desenvolvimento da vida cidadina.

No diálogo, os panegíricos de Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Agatão potencializam o preparo à fala de Sócrates. A carga proléptica dirigida ao panegírico socrático, além da possibilidade de provocar uma desatenção ou esquecimento dos discursos dos outros simposiastas, parece também provocar uma cegueira diante de um importante giro que ocorre quando Sócrates começa a falar. Subvertendo as normas paiderásticas da antiga cultura grega, Sócrates precipita em seu discurso o nome de Diotima, nela estabelecendo a fonte desde a qual seu pensamento teria sido iniciado no amor e na arte do discurso. Com isso, lançamos a questão: Que significação pode ter a lembrança socrática dos ensinamentos de uma mulher? No simpósio, a instituição de uma cultura patriarcal também revela suas mais amplas e ancestrais forças formadoras no feminino. Essa força, que nossa cultura insiste em sufocar, ressurge na obra através do encômio socrático como uma outra possibilidade de pensarmos as fontes desde as quais a própria racionalidade ocidental foi constituída.

Platão faz notar, em seus diálogos, por meio da apresentação de seus temas, a vida cotidiana da cultura grega estruturada por seus costumes e contradições. Assim, fazendo emergir o conflito no banquete, em tom de registro e denúncia, o texto possibilita um importante debate acerca do tema do feminino na cultura grega antiga. O encômio socrático pode ser lido como restituição de aspectos relegados à margem do pensamento. Nesse sentido, o objetivo do presente texto é concentrar-se no discurso socrático sobre o amor para dar voz a Diotima de Mantineia como mulher que personifica a força do feminino em meio a uma cultura patriarcal que subjuga as mulheres e insiste em apagar sua importante posição na construção da racionalidade ocidental. Assim, o retorno a Platão pode ser lido como retorno na história com vistas a retomar o potencial revolucionário do tema do feminino como força constituinte do pensamento socrático e matriz simbólica da filosofia ocidental.

Num espaço de debate reservado aos homens, a força subversiva do feminino precipita-se nos ensinamentos socráticos. Além de invocar a figura da mulher, Sócrates reintroduz o mítico, o sensual e o feminino como matriz mais originária de todo ideário civilizatório que se articula em torno das ideias de razão e ciência.

3 BANIMENTO DAS MULHERES

Para compreendermos a relevância da figura de Diotima e a potencialidade incendiária do texto platônico, é importante tomarmos conhecimento acerca da posição que as mulheres ocupam na cultura grega. Deve-se ter em conta que Atenas é o centro intelectual e artístico da civilização grega (Mosse, 1983, p. 52). Nela, destituída de um “estatuto jurídico” (Mosse, 1983, p. 55) próprio, a mulher ocupa uma posição social sob os domínios de um tutor, o que representa um ausente reconhecimento de cidadania. Nessa perspectiva, uma mulher solteira e “administradora de seus bens é inconcebível” (Mosse, 1983, p. 55). Então, numa cultura patriarcal, em que as mulheres não podiam

ser vistas nem ouvidas, que insiste na natureza da mulher como ausente de liberdade, na qual prevalece seu confinamento à casa como espaço próprio do feminino (Safo de Lesbos, 2011, pp. 20-21), é necessário desnaturalizar o costume através da crítica. Num mundo marcado pela ausência de condições às manifestações intelectuais e artísticas das mulheres (Safo de Lesbos, 2011, p. 21), o diálogo platônico pode provocar importantes reflexões sobre essa triste condição. É necessário provocar tensões no estado atual de coisas, para fazer notar descaminhos e contradições.

A expressão dessa posição da mulher como ser subjugado e inferiorizado já dá suas pistas quando Erixímaco profere a seguinte ordem: “mandemos embora a flautista que acabou de chegar, que ela vá flautear para si mesma, se quiser, ou para as mulheres lá dentro” (Platão, 1987, 176e). Após banir a mulher e mandá-la flautear fora do recinto, Erixímaco estabelece o foco na elaboração de discursos, atividade restrita aos homens como únicos capazes e autorizados a tal atividade. O banimento da mulher como preâmbulo aos panegíricos aparece como denúncia da subjugação e silenciamento das mulheres numa cultura patriarcal, misógina, que nega o feminino como força primordial do mundo, condição que resiste no tempo e se perpetua na cultura hodierna.

Após a cena do banimento da mulher e do discurso de Fedro, no panegírico de Pausânias o amor é louvado por meio do feminino transfigurado na figura mítica de Afrodite. Pausânias apresenta Afrodite dividida em duas concepções distintas, a saber, celeste e vulgar. Conforme apresenta o conviva, assim como duas são as deusas, também dois são os amores: o amor celeste e o amor vulgar (Platão, 1987, 180d-e). Nesse discurso, a Afrodite celeste veio apenas do macho (Platão, 1987, 181c), isto é, sua gênese está radicada numa fonte masculina como atestado de sua celestialidade, de sua superioridade. À Afrodite vulgar está ligada, em sua gênese, a participação da fêmea. Em Pausânias, o amor ligado à Afrodite vulgar também é vulgar, pois é indigno quem se apaixona pelas coisas terrenas, pelo corpo (Platão, 1987, 183d-e). O macho está ligado com uma concepção de sexo mais inteligente e robusto. Em contrapartida, o amor celeste está ligado à Afrodite celeste.

Ao fim do discurso de Pausânias, Aristófanos tem uma crise de soluções que o impede de proferir seu panegírico, conforme a ordem preestabelecida entre os convivas. Nesse ponto adoto a importante dica que Kojève dirige a Lacan a respeito dos motivos pelos quais Aristófanos estava soluçando: “é difícil deixar de ver que, se Aristófanos está com soluços, é porque durante todo o discurso de Pausânias ele morreu de rir” (Lacan, 1992, p. 68). Aqui é importante lembrar que, ao início do banquete, Sócrates afirma que “se os que nos precedem discorrerem com fluência e beleza, dar-nos-emos por satisfeitos” (Platão, 1987, 177e), indicando que a necessidade de realização de um novo discurso fica ligada ao reconhecimento de que os panegíricos dos outros convivas não foram suficientes. Essa passagem invoca o engajamento da postura filosofante com o processo de desvelamento da verdade, fazendo notar que os filósofos devem estar direcionados à verdade como expressão daquilo que sempre escapa aos domínios humanos, mas que, por isso, também excita o pensamento para o que extrapola os limites da razão, lançando o pensar no desconhecido. Sócrates mostra que o saber não é uma propriedade humana e o filosofar não está voltado à exposição daquele que filosofa, mas está direcionado ao desvelamento da verdade. Assim, chegada a vez de Sócrates, os discursos não cessam e não bastam, o que nos leva ao reconhecimento da hipossuficiência discursiva dos simposiastas como motivo para o proferimento do discurso socrático e prosseguimento das reflexões sobre Eros.

4 DIOTIMA E A EROSOPIA

Diotima, essa única personagem mulher na obra platônica, lança-nos à possibilidade de importantes reflexões sobre a forma como nos concebemos e como estabelecemos nossas relações sociais. Nos primeiros encômios, o feminino aparece transfigurado miticamente na imagem multifacetada de Afrodite, mas em Sócrates surge personificado como força primitiva e formadora na figura de uma mulher, como potência engendradora da vida e do mundo.

Após o preâmbulo dialético entre Sócrates e Agatão, que antecede o encômio socrático, na cena irrompe um giro, no qual a figura de Diotima é invocada para falar em lugar de Sócrates. A forma através da qual a mulher se faz presente é por meio da rememoração de Sócrates, que tenta lançar aos convivas o testemunho do tempo em que esteve com a sacerdotisa na qualidade de seu aprendiz. Essa passagem preambular dá pistas de uma espécie de dissolução temporal que invoca a atualidade dos ensinamentos do passado a sempre novas formas do presente. O diálogo com Agatão é replicação do método dialético transmitido por Diotima, conforme a seguinte passagem:

também eu quase que lhe dizia outras tantas coisas tais quais agora me diz Agatão, que era o Amor um grande deus, e era do que é belo; e ela me refutava, exatamente com estas palavras, com que eu estou refutando a este (Platão, 1987, 201e).

Sobre o testemunho dos ensinamentos de Diotima, Sócrates afirma: “era ela que me instruíra nas questões de amor – o discurso então que me fez aquela mulher eu tentarei repetir-vos” (Platão, 1987, 201e). A transmissão de antigos saberes está sempre associada à nossa frágil condição de seres pensantes e pode vir acompanhada pela distorção e afastamento de suas fontes originárias. Nesse exercício de rememoração, Sócrates faz ver que toda tentativa de reproduzir os ensinamentos do passado passa pela incorporação e atualização no presente, de maneira sempre parcial, incerta e sujeita à construção perspectivada daquele que discursa.

Ainda que a figura histórica de Diotima seja contestável, a figura mítica, ou ficcional, invoca o feminino em sua potente posição, provocando importantes desdobramentos na filosofia ocidental. Platão situa historicamente a sacerdotisa como habitante da cidade arcadiana de Mantinea, conhecida por seus templos, lugares oraculares e tradições religiosas. O diálogo *O banquete* faz referência ao início da Guerra do Peloponeso, em 440 a.C., quando uma peste havia assolado Atenas e a sacerdotisa fora convocada para empregar sua arte para fazer recuar a doença entre os atenienses. Conforme o registro platônico, “foi ela que uma vez, porque os atenienses ofereceram sacrifícios para conjurar a peste, fez, por dez anos, recuar a doença” (Platão, 1987, 201d).

Diotima representa no diálogo platônico a figura da mulher portadora dos mistérios sobre o amor e personificação da potência do feminino. Como mestre e sacerdotisa, a mulher inicia Sócrates na sabedoria do amor, na erosofia. Essa expressão revela profundos e misteriosos vínculos entre Eros e *logos*, entre o amor e a razão, na construção do saber. Para além dos ensinamentos comunicados por uma mulher, trata-se da reincorporação de uma prática e saber femininos, nos quais a valorização do corpo, da sensualidade, do mito, da ciência e da racionalidade se organiza na constituição da filosofia. Esse saber propõe um duplo movimento, que pode ser pensado em termos de uma passagem da divindade à humanidade, mas também como elevação desta àquela. Assim, o pensamento, tributário dessa condição feminina da erosofia da mulher

Diotima, é tomado desde o corpo, de todas as experiências sensuais e terrenas, como lugar inalienável da postura filosofante. A partir da existência corporal e do apetite animal, Diotima afirma o amor como fenômeno que se precipita no corpo e se amplia para além dele, mas sem provocar seu abandono e esquecimento. Essa integração e ampliação do amor em suas dimensões somática e psíquica sugerem uma ética que acolhe o *pathos*, que se organiza a partir de sua afirmação e reconhecimento.

Diotima ensina que Eros deve ser pensado como relação e carência, como marca da presença de algo que extrapola os limites do sujeito e insurge como reconhecimento da alteridade. Em seu discurso, Sócrates invoca a noção de amor como relação a algo, tal como atesta a seguinte passagem: “é de tal natureza o Amor que é amor de algo ou de nada?” (Platão, 1987, 199d). Dessa interrogação, o amor é afirmado como relação a algo. Nessa relação a algo, o amor é pensado em termos de carência. Essa noção aparece na seguinte passagem: “o que deseja, deseja aquilo de que é carente, sem o que não deseja, se não for carente” (Platão, 1987, 200b). Mais adiante reforça: “deseja o que não está à mão nem consigo, o que não tem, o que não é ele próprio e o de que é carente” (Platão, 1987, 200e). A carência incita à relação e desperta uma posição desejante, cenário no qual o amor e o filosofar serão pensados.

A carência é concebida como movente de toda busca, como anseio de saber. A erosofia traz a importância de pensar o amor no nebuloso perímetro entre ciência e ignorância. Diotima afirma que Eros está entre ciência e ignorância, pois busca a ciência, e ao buscá-la, o que o faz por não a possuir, também não se constitui como ignorância. Assim, “O opinar certo, mesmo sem poder dar razão, não sabes, dizia-me ela, que nem é saber – pois o que é sem razão, como seria ciência? – nem é ignorância” (Platão, 1987, 202a). Acerca desse entremeio de ciência e ignorância no qual o amor será pensado, também a seguinte passagem atesta essa qualidade: “Assim também o Amor, porque tu mesmo admites que não é bom nem belo, nem por isso vás imaginar que ele deve ser feio e mau, mas sim algo que está, dizia ela, entre esses dois extremos” (Platão, 1987, 202b).

A erosofia também concebe Eros no registro das relações comunicativas, trazendo as noções de escuta e transmissão a um plano no qual o amor se revela e nele se expressa, a partir das ideias de “interpretar e transmitir” (Platão, 1987, 202e). Essa noção também aparece na seguinte passagem: “Um deus com um homem não se mistura, mas é através desse ser que se faz todo o convívio e diálogo dos deuses com os homens, tanto quando despertos como quando dormindo” (Platão, 1987, 203e).

A rememoração socrática dos ensinamentos de Diotima traz, também, uma importante reflexão acerca da relação entre mito e *logos*. Associado ao banimento da flautista, da mulher – feito por Erixímaco, o que vem acompanhado do consentimento dos outros convivas – podemos repensar o ideário civilizatório que se organiza a partir de uma logocentralização que representa o banimento do mito como condição do desenvolvimento humano rumo ao *logos*. E Sócrates é símbolo da passagem do tempo mítico ao tempo lógico. Nessa perspectiva, as narrativas míticas aparecem em dimensão infravalorada, marcada pelos limites de uma racionalidade que atrofiou em seu percurso à ciência. Nesse sentido, o mito pode aparecer como expressão inferior e anterior ao domínio da razão. Mas eis que no encômio socrático uma importante tensão é criada, pois em meio a um cenário de predomínio da razão, a narrativa mítica, entre outros temas, insurge como expressão do que insiste alheio a todo saber,

como importante marca do que extrapola os domínios da racionalidade. Se na história da filosofia a razão deve suplantar o mito, no encômio socrático a razão é pensada junto e a partir do mito.

5 MATRILINEARIDADE MÍTICA E SOCRÁTICA

Diotima, de forma mítica, fala da origem de Eros como filho de Recurso e da Pobreza, da riqueza e da penúria. A referência à estrutura parental de Eros abre espaço para o reconhecimento de que é o traço materno que se expressa como sua fundamental característica, a saber, a carência. A exemplificação acerca do predomínio do traço materno na constituição e desenvolvimento de Eros pode ser vista na seguinte passagem:

ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão (Platão, 1987, 203d-e).

Como herdeiro da mãe, Eros movimenta-se impulsionado pela falta, pela carência. Para reforçar a ideia sobre a herança e predomínio matrilinear no mito, vale destacar que a concepção de Eros transcorre por iniciativa de sua mãe, visto que no mito Recurso aparece numa passiva situação, pois a propósito de uma festa em comemoração ao natalício de Afrodite, “Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar – pois vinho ainda não havia – penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu” (Platão, 1987, 203b). A seguir afirma que “A Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor” (Platão, 1987, 203b-c).

Assim como predomina a característica materna sobre Eros, é importante lembrar do predomínio da herança matrilinear que também influencia a arte dialética de Sócrates. Não esqueçamos de que a mãe de Sócrates era uma parteira, e dela ele herda sua capacidade de autodesignação como parteiro (Platão, 2010, 149a), imprimindo no exercício da filosofia o estatuto de parto. A arte maiêutica, base desde a qual o filosofar se constitui, é uma importante expressão de que o pensamento deve estar associado às mulheres e ao feminino, pois invoca para seu desenvolvimento as noções de geração e parturição. Assim, Sócrates incorpora o feminino como força fundamental na origem e no desenvolvimento do pensamento filosófico.

A erosofia realiza um giro pelas coisas sensuais e terrenas, concebe a existência a partir de uma integralidade somático-psíquica como condição para o desenvolvimento do saber desde a técnica da parturição. “É isso, com efeito, um parto em beleza, tanto no corpo como na alma” (Platão, 1987, 206b). Diotima ensina que todos trazem o poder de gerar segundo o corpo e o espírito, e esse poder de geração já está expresso no poder de procriação dos seres vivos.

•

Por que prevaleceu entre nós a imperiosidade da razão, da masculinidade associada ao homem, da superioridade da ciência sobre os discursos míticos? Ao que parece, a aversão ao que extrapola os domínios da razão, o que aparece no mito e nos mistérios, assim como o rechaço do diferente, influencia profundamente a forma como vivemos e nos relacionamos. A despeito da forma como

a cultura ocidental se desenvolveu e se organizou em torno da ciência e da razão, teria sido diferente a mensagem socrática?

Através dos ensinamentos da mulher Diotima, aprendemos que filosofar é contemplar o mundo, o humano e a si mesmo. Aprendemos acerca da importância do engajamento com a transmissão de antigos saberes. O educador ajuda a desentranhar o saber dos mistérios da vida e do mundo, trazendo ao nosso tempo o anseio de transformação rumo ao que nos é desconhecido. Os ensinamentos de Diotima apontam para uma renovação necessária que precisa continuar como trabalho em construção. Invoquemos o esforço na construção do saber, que exige investimento e curiosidade na pessoa de cada um de nós. A esse respeito, é bom lembrar do que é dito por Sócrates:

Bom seria, ó Agatão, ... se a sabedoria nos fosse assim tão dócil, que a pudéssemos fazer coar, por mero contato, de um espírito pleno para um espírito vazio, como se faz passar, através de um pedaço de lã, a água de um vaso cheio para um vaso vazio (Platão, 1987, 175d).

Isso demanda esforço e permanente luta. Ainda que necessárias, as palavras não bastam.

Em meio às tendências dominadoras que parecem surgir da dificuldade em lidar com a diversidade, necessitamos compreender a adversidade de nosso tempo como urgência da associação entre viver, pensar e lutar como meio de construir e afirmar a coletividade. Isso pode acontecer desde um retorno às fontes originárias de nossa cultura, onde a mulher, portadora do feminino, nos ensina que o amor (Eros) impulsiona a razão (logos) rumo ao desconhecido e buscando sempre a dilatação de nossas vistas a uma forma ampliada, na qual a existência pode ser pensada como coletividade potencializada pela alegria de viver a diversidade.

REFERÊNCIAS

- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lesky, A. (1989). *Historia de la literatura griega*. Madrid: Editorial Gredos.
- Mosse, C. (1983). *La mujer en la Grecia clásica*. Madrid: Editorial Nerea.
- Platão (1987). *Diálogos. O banquete – Fédon – Sofista – Político. (Os pensadores)*. Trad. E notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Peleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural.
- Platão (2010). *Teeteto*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Safo de Lesbos (2011). *Hino a Afrodite e outros poemas*. São Paulo: Hedra.